

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 624

5.º ANNO 1877

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1,600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2,500 rs e sendo duas 3,600 rs.—Semestre 1,500 rs.—Brazil, anno 3,600 rs.—Semestre 1,900 rs. moeda forte, ou 8,000 reis e 4,500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 10 DE ABRIL

Um brado de portuguez em favor da proxima peregrinação nacional á cidade de Roma.

O anno de 1877 assomou d'entre as nevoas do tempo, trazendo no cortejo de centenares de dias, um dia grande, esplendido, immorredouro, que assignalava o quinquagesimo anniversario do episcopado de Sua Santidade, o actual Pontifice romano, e marca a linha extrema de um meado de seculo para Pio IX, como dos principes da Igreja catholica.

Da solidão voluntaria do meu retiro vejo com jubilo a Europa e o mundo agitaram-se em aprestos de transportar-se aos pés do Vigario de Christo, em magnificas peregrinações, para tributar-lhe o feudo da sua profunda submissão e amor.

Com mais vivo jubilo ainda, vejo pelo jornalismo catholico do meu paiz, que Portugal não permanece indifferente a este movimento universal do orbe christão.

Recordando emfim da sua longa impassibilidade sobre manifestações d'esta ordem, arremessando de cima dos hombros o manto do estoicismo quasi systematico em que se involvêra, Portugal sente reatear-se-lhe e reacender-se-lhe no peito a fé latente que era outr'ora o mobil omnipotente dos seus heroismos; e, das fronteiras do Minho ás ribas do Guadiana solta um brado estridente, que todos os corações portuguezes e catholicos ouviram, e a que todos responderam—«A Roma!»

Sim, Portugal vae commungar na solemnisima adhesão que no dia 3 de junho congregará na cidade eterna as primicias da Igreja catholica; vae ser mais uma nota n'aquelle concerto das nações, um florão mimoso n'aquelle grinalda de ouro, uma strophe harmonica n'aquelle hymno universal do christianismo, uma affirmação distincta n'esta pagina gloriosa que a Historia recolherá como a suprema expressão com que o seculo XIX protesta,

para o presente e para o futuro, a sua união e amor indeleveis ao sucessor oppresso de S. Pedro.

Parabens, ó minha patria, parabens aos mil, e qual d'elles mais escandecido pela chamma do meu coração gratamente alvorçado.

Não careces dos meus encomios, bem o sei. Que monta á tua gloria esta voz do desesto, que se sumirá talvez entre as montanhas do Minho antes de chegar aos teus ouvidos?

E que monta ao esplendor de uma noite illuminada pelos mil e mil astros do ceu o brilho pallido do pyrilampo, cuja luz phosphorescente ora viltumbra, ora se apaga entre as baixas do valle? E nem por isso elle deixa de brilhar.

Não cabe, tambem, em mim o deixar de tomar a penna para soltar um brado energico em prol da proxima peregrinação portugueza aos pés de Pio IX; deixai passar esse brado, meus caros patrios; se vos não engrandece, não vos pôde ser ingrato; é voz patria, falla portuguez, que o accento a denuncia; deixai-a passar, vol-o peço.

Felicito-me de ter sido um falso propheta, quando na ultima carta que escrevi, estando ainda em Roma, e dando conta da magnifica peregrinação hespanhola de setembro do anno preterito, deseria um pouco de que Portugal imitasse brioso os seus visinhos da peninsula. Peço perção aos meus correligionarios de os ter julgado com menos justiça. Foi carta escripta em noite sombria de outomno, em que debalde procurava no ceu, atravez dos vidros da minha janella, o ceu longuiquo do meu paiz. Nem este teria tomado á letra aquellas frases mal humoradas, d'onde o brio incutido revia atravez da descrença apparente.

Não, Portugal não podia estar por mais tempo condemnado a ser o comparso do seculo XIX, ao lado da Europa e do mundo christão, que de continuo passam ao longo do Vaticano, saudando o augusto prisioneiro que alli jaz.

Qual Niobe sem filhos das nações, só lhe restava consumir-se n'uma existencia

esteril e inerte, cartindo o desdem superficial das suas irmans.

Era uma attitude anormal, impossivel, porque era empecer essa unidade de movimento que, no systema de acção religiosa christã, ha de fazer de cem povos diferentes um só povo um só homem, uma só vontade, uma só evolução, e se assim posso dizer, um só endentamento mechanico.

Mas Portugal indignou-se contra semelhante attitude, consultou-se, levou a mão ao coração, e viu que o coração lhe batia como d'antes, e que a intermitencia não é a morte, nem a agonia, mas simplesmente um phenomeno morbido curavel; e levantou-se exuberante de vida, e disse quero! Olhou para Roma como para a frágua inextinguivel da vida catholica, a traçou desassombadamente uma linha sobre a carta da Europa, desde o Tejo ás margens do Tibre, como uma resolução inabalavel, que dentro em pouco effectuará, transportando-se em peregrinação até á cidade dos pontifices.

Grandioso pensamento, mais grandioso ainda quando á testa da solemne e religiosa caravana vai collocar-se o metropolitano da Igreja portugueza, o Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa, como elle mesmo o declarou, e esperamos realise.

Seria illusao pensardes, piedosos peregrinos, que todos os vossos compatriotas vos applaudirão; rugirá a imprensa da vasa na sua tolerancia cambiante, maisinará a opinião do corrilho, por abuso ou por antifrase chamada opinião publica; mas sorrir-vos-á de festiva a sombra magestosa de Portugal antigo, evocada do tumulto pelo genio do vosso catholicismo hodierno, e applaudir-vos-á o futuro Portugal, em que se aninham seguras as nossas indefectiveis esperanças...

Redobrai de animo: a resolução é muito, a acção é mais. O propôr é para quasi todos, o executar é para os fortes, que sabem zombar de obstaculos, e imperar até... ao impossivel, quando é mister.

Pronunciastes-vos, agora não ha recuar; saistes da penumbra, agora amigos e inimigos vos contemplam. Sacudistes o pó

da imobilidade, urge, pois, caminhar; erguestes a palpebra por largo tempo abtida; que vedes? Pio IX, na magestade do infortunio e na inconcussa tenacidade da verdade religiosa, attrahindo a si as nacionalidades catholicas, como o centro de um systema attrahê poderosamente os satellites que em torno de si gravitam.

Bem hajais, que vos deixastes tambem vencer pelo influxo d'essa gravitação moral e christã.

Affirmai, affirmai ao universo romano a vitalidade, a iniciativa catholica que ainda pulsa sob peitos portuguezes; mas tomai tento; a opinião publica, julgará da vossa vitalidade e vigor pelo vosso numero. O numero symbolisa ás vezes uma nobre ideia, um grande patriotismo, ou uma grande deliciação religiosa.

Não soubemos ser numero quando foi necessario rechaçar do nosso sólo as hostes agarenas e expungir em sangue a sombra odiosa que a meia-lua musulmana projectava sobre as nossas quinas consagradas pela cruz; soubemos ser numero quando foi necessario sopenar e depois civilisar as tribus orgulhosas e selvaticas de Asia e Africa, mergulhadas no mais hediondo ilotismo: fomos numero, quando importou, no remoto Brazil, repeller até ao fundo das florestas o guarani indomavel e o tamoyo traidor, e até aos mares do Norte o hollandez intruso; fomos numero ou melhor unidade, quando inspirados pela mais nobre sobranceira e santo patriotismo, sacudidos de sobre os hombros roxeados, sessenta annos de dominação hespanhola, e proclamamos a nossa autonomia ao sul do direito e da liberdade, sobre os retalhos alaistrados de um estandarte forasteiro, estreito de mais para cobrir com as suas, as glorias de D. Nuno Alvares, Vasco da Gama, e D. João de Castro. E tambem o homem de presa, do principio d'este seculo, que fazia das aguias imperiaes falcões educados pelo caçador, soube que eramos numero e coragem quando foi preciso vencer o á ponta de bayoneta de que Portugal não será jámais um quartel d'inverno dos soberanos francezes.

31

FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME II

XV

Salustiano.

—E depois... aquelles papeis...
—Oh! o sr. é exigente de mais! por aquelles papeis, disse Salustiano empallidando, deu-lhe meu defuncto pae por uma só vez quatro contos de reis.
—Sim... sim... mas por causa d'aquelles papeis estive eu na cadeia oito mezes, e perdi o meu querido officio.
—E faltou á sua palavra!
—Como é lá isso?...
—O sr. havia recebido quatro contos de reis para queimar o processo.
—Assim era eu tólo! aquelles papeis são verdadeiras letras de dinheiro, que eu tenho a juros.
—E nem ao menos se lembra de que já não poucas vezes otinho liberalmente soccorrido?

—Sim; mas v. s.^a tem obrigação restricta de pagar-me perdas e danos.
—Em uma palavra, e para acabar de todo com estas questões, o sr. quanto quer receber de uma vez por esse processo?
—Cedendo-lhe todo o direito que tenho a elle?
—Por certo.
—Chama-se a isso queimar a minha fortuna, disse socegradamente o ex-escrivão.
—Emfim...
—Emfim... dar-lhe-hei esses papeis com a mão direita exactamente no momento em que v. s.^a me depositar na esquerda uma quantia igual, á que me deu o sr. seu pae.
—Quatro contos de reis! é muito!
—Então não temos feito nada: conservarei o processo.
—Oh! mas é preciso acabar com isto; quando volta o sr. aqui?
—Já disse que dou grande importancia aos dias de apparecer: depois d'amanhã virei receber as suas ordens.
—Traga-me o processo.
—Dar-me-ha os quatro contos?
—Sim.
—Palavra de honra?
—Sim.
—Bem. A's ordens de v. s.^a
—Até depois d'amanhã.
—Mas ah! disse Jacob suspendendo-se, pois que já ia saindo; falta ainda alguma cousa.

—O que? perguntou Salustiano.
—Os cem mil reis.
—Ainda!
—São juros vencidos; a satisfação do principal é conta á parte.
—Depois d'amanhã...
—Perdoe-me v. s.^a, mas eu precisava muito hoje d'essa quantia.
Salustiano arremessou-se para dentro do seu quarto; Jacob estendeu o pescoço, e viu o mancebo abrir uma carteira de jacarandá já meio usada, e tirar d'ella alguns bilhetes.
Salustiano na agitação, em que estava, deixou a chave na carteira, e voltou ao gabinete com o dinheiro.
—Eis aqui os cem mil reis, disse elle entregando os bilhetes a Jacob.
O ex-escrivão apenas recebeu o dinheiro tomou o chapeo, fez uma profunda cortezia ao moço, e foi saindo.
Salustiano o seguiu de perto, e desceu com elle as escadas.
Pouco depois de haverem os dois deixado o gabinete, entrou João.
O velho ia sentar-se na cadeira que antes havia occupado, quando notou que a porta do quarto de Salustiano estava aberta.
Dirigiu-se immediatamente para o quarto, e apenas chegou ao lumiar da porta soltou uma exclamação:
—Emfim!
E lançou-se para a carteira: abriu-a, apertou com o dedo polegar uma mola que havia do lado esquerdo, e no fundo

da gaveta d'esse lado abriu-se um escaquinho.

Com promptidão e destreza tirou o velho alguns papeis, que ali se achavam: eram pela maior parte cartas.

João as foi examinando e passando por ellas sem abrir, até que parou em uma que não tinha sobscripto.

—12.^a exclamou o velho; emfim!

Abriu a carta e leu:

«Senhor, maldita seja a hora em que nos vimos: esse amor fatal com que eu vos amava, e que fingistes votar-me para que eu me perdesse, se já desapareceu para nós ambos, a nós ambos deve ter deixado o tormento dos remorsos: vós me fizestes a mais desgraçada, e eu me fiz a mais criminosa das mulheres: vós me perdestes, e eu ia ser mãe, e não quizestes ser diante dos homens o pae de vosso filho: pois bem; sabeis o que fiz? tremei... horrorisai-vos: eu matei meu filho: dentro de meu ventre cavei-lhe a sepultura. Agora... preparemo-nos ambos: teremos de dar contas a Deus, vós da honra, da innocencia de uma mulher, e eu da vida de um innocente. Senhor... somos dignos um do outro; nasceram para se encontrar no mundo vós, e—*Marianna.*»

—Emfim! repetiu o velho guardando a carta no bolso.

—Emfim!... bradou Salustiano lançando-se sobre João.

O velho recuou dous passos.

Pois bem: sabemos ser numero tambem agora, que não se trata simplesmente de unirmo-nos para ir tributar aos pés do Vigario de Christo a homenagem da nossa submissão e affecto, o que já é muito, senão para patentear por igual a todas as nações catholicas a posse ininterrupta da herança sagrada de nossos paes, parar oppôr um protesto decisivo e solemne ao marasmo que atrofia o nosso paiz e á impiedade que o devora com a sãna carnívora com que o abutre devorava o fígado de Prometheu; finalmente para irmos reacender a nossa fé desfallecida ao centro da christandade, no coração retemperado do augusto representante de Jesus Christo.

A projectada peregrinação não poderá representar Portugal se n'ella não estiverem representadas todas as classes, e posições sociaes, sem ridiculas susceptibilidades hierarchicas. Perante a religião o sangue do fidalgo e do titular é tão nobre como o do plebeu e do industrial...

Não hajamos receio: a tunica alvissima de Pio IX reflecte todos os raios de luz, como o branco, sem preferencia por esta ou aquella côr; a sua mão estende-se a todas as classes, e perante o seu amor não ha mais que uma familia.

Não me acobardo de ser redundante —multiplicae o vosso numero, compatriotas e correligionarios.

O nosso burguez não é menos abastado, nem o nosso operario mais pobre que o burguez e operario hespanhol, que em numero avultadissimo commetteram o pensamento da famosa peregrinação do anno passado, e a levaram a effeito, atravez de increíveis sacrificios. A distancia a percorrer é a mesma com leve differença.

Está aberta a subscripção para a classe mal remediada e proletaria; não a deixe o rico em branco; até esgotar o superfluo pôde ser generoso sem sacrificio, e o seu nome será inscripto no livro das rareadas alegrias e das desvanecidas gratidões do pobre.

Nas provincias não poderiam cotisar-se os fartos de teres, que não podem comprehender a longa viagem, para enviarem a Roma um ou dous comprouvinaños das suas respectivas parochias?

Temos em Portugal 4:000 parochias. Se o alvitre que acabo de insinuar se effectuasse, teriamos para logo uma parcella de 4:000 filhos do povo na somma total dos peregrinos. (Se ao menos se realizasse na quarta parte!). O camponez viajará em comboio de 3.^a ordem, achando-o, ainda assim, um grande progresso obtido sobre o gothico carroção de provincia. Na Italia até a mendicidade tem hotéis e restaurantes, que não lhe exhanrem o anémico bolsinho. Eis ahí como se amolgam e aplanam difficuldades imaginarias, exaggeradas ainda pela lente augmentativa de uma vellocidade claudicante.

Catholicos portuguezes, que laboraes entre uma resolução timida e uma impossibilidade de pura miragem, permiti que vol-o diga, envie essa impossibilidade á

escola de uma vontade generosa e energica, e sairá de lá educada e submissa.

O impossivel não tinha outr'ora entre nós a pasmosa extensão que hoje tem no dictionario inedito do nosso character, indole, e habitos actuaes.

Para longe sobretudo, em pensamento da tão elevada ordem, as insolubilidades de partidos politicos, com a impertinencia odiosa de seus caprichos estereis.

Perante os supremos motivos religiosos fundem-se n'uma só entidade todas as divergencias, e todas as fórmas politicas. Não ha um só dia em que a mão de Pio IX se não alevante para abençoar a todas as nações christãs, quer se chamem monarchia, ou republica. Debai-xo do triplice diadema da sua thiara triregna unificam-se todos os partidos, e todas as politicas na synthese harmonica da mesma crença catholica. O brasão do Vaticano é um só, são as chaves de Pedro, que sabem abrir entrada franca atravez das opiniões encontradas dos homens.

Approxima-se a hora: o grande dia adianta-se para o presente com a magestade flammante de um triunfo e a gravidade de uma epocha. Tomai sómente conselho da vossa iniciativa corajosa, cerrarai as vossas fileiras, e ide entornar no coração de Pio IX, saturado de absynthio, o devotado affecto que vos transborda dos vossos corações.

Pudesse eu acompanhar-vos; mas... o preto está rendido: não se quebrou o meu bordão de peregrino, mas repousa resignado.

Conheça-vos Roma e o mundo catholico pessoalmente quando lá chegarde, não tereis pejo de lhes dizer: nós somos os descendentes d'aquelle que vos ensinaram como atravez do Pacifico e do grande Atlantico se pôde aportar apesar dos cabos tormentorios até ás margens do Tibre.

Piedosos peregrinos, se os hespanhoes levaram até á basilica de S. Pedro o estandarte por elles capturado na batalha de Lepanto, não vos fallecem tão pouco despojos das vossas victorias christãs, desde Comorim até Benguella e Cambambe; basta-vos, porém, essa bandeira que nas suas quinas casa o tronfeu sagrado da cruz com os brasões gloriosos da patria.

Neutralisai d'alguma sorte a nossa ausencia forçada; dizei a Pio IX que sois os representantes de milhares e milhares de portuguezes que o amam, que a elle adherem inabalaveis, e que mesmo de longe ajoelham em terra para receberem comvosco a sua benção pontificia.

Depois, ao regressardes, trazei-nos no seu verbo augusto o germen de uma vitalidade catholica mais fecunda, e de dias mais prosperos para o nosso paiz.

Villa de Margaride, 3 d'abril de 1877.

Padre Senna Freitas.

Correspondencia particular da «Nação».

Versalhes, 25 de Março de 1877.

A data d'esta carta impressiona sempre os realistas de coração, especialmente a mim que passeio todas as manhãs pelos magnificos jardins do palacio do Grande Rei Luiz XIV.

Oh! como tem mudado a situação da França desde a época d'aquelle Monarcha!

Como fallam em favor da monarchia estas paredes, e estas arvores seculares!

Se algum escriptor se propozera a re-senhar a vida d'um desses magestosos robles, a cuja sombra se combinaram e desenvolveram grande parte dos mais interessantes successos da historia de França, quantas coisas poderia referir!

Passeando nesses jardins, talvez á sombra dessa magestosa arvore, se conceberam os planos que fizeram grande o reino de S. Luiz!

E quantas vezes as velhas raizes dessa mesma arvore seriam regadas pelas lagrimas de Maria Antonieta e de Luiz XVI!

Depois referiria o historiador os feitos da revolução, o primeiro imperio, a Restauração, o governo usurpador dos Orleans, o segundo imperio e por ultimo se estenderia talvez contando como esse roble gigantesco viu impavido passear altivos, ás suas plantas, os que para elle não eram mais que comellos, os cascos prussianos de Moltke e o do Rei Guilherme.

A historia do roble de Versalhes, é a historia de França; é a historia da revolução e dos destroços que esta tem feito nos paizes da nossa raça.

Cada pagina dessa vida vegetal, em seu ultimo periodo, seria um lamento de novas e terriveis desgraças.

A sombra cada vez mais opaca, daquelle arvore, só hontem se pôde descobriu algum raio de luz, e de luz parecida com a da aurora.

Passeava por estes jardins o unico descendente que ha em França, do que fez Pariz, do que fez Versalhes, do que fez a França.

D. Carlos de Bourbon, o neto de Luiz XIV, passeava hontem pelos jardins de Versalhes.

Andava só, e dir-se-ia que meditava.

E como não havia de meditar? Aquellas avenidas, aquellas fontes, aquellos muros o saudavam, e lhe fallavam.

Era precisamente o anniversario da vespera da maior batalha que se deu nos campos da Europa latina contra a revolução neste ultimo terço de seculo.

Ha tres annos, em 23 de março de 1874, Carlos VII de Hespanha combatia em Somorrostro contra as hostes da revolução.

Vistos agora á luz do dia e ao pé um do outro admiraria a similitude de seus semblantes: a unica differença, que se podia notar era ser João muito mais sanguineo.

João e Rodrigues eram irmãos gêmeos. —João! exclamou de novo o velho guarda-portão: que é isso?... o que tens?..

—O que tenho?... respondeu o antigo agente da casa de Salustiano; tu me perguntas o que tenho? é a raiva dentro do coração; é a vingança inspirando projectos infernaes.

—Mas como?... falla!... —Disse tudo. —Porém vingança contra quem? —Contra o falsario... o ladrão!... murmurou surdamente João.

—Oh!... —Sim... contra elle. —E' filho d'elle! disse com voz reprehendedora Rodrigues.

—E tambem filho d'ella!... accrescentou lugubramente João.

—Embora! tornou o primeiro; juramos protegê-lo: lembra-te.

—Sim... sim... disse o outro com terrivel accentto; protegê-lo... amal-o... ainda que elle te pise com suas botas, e te cuspa no rosto; não?! —Como é isso? —E' assim mesmo.

—Pois elle ousou... —Tudo, respondeu João com voz surda.

—E tu?

No dia 25 a batalha era encarnizada e horrivel; a 27 caía sobre o valente exercito do neto de Phillippe V uma chuva de ferro; as baterias republicanas, collocadas nas alturas, lançavam de trinta a trinta e cinco projectis por minuto: deram-se terriveis e repetidas cargas á bayoneta, o combate foi porliado e sangrento.

E por fim os desesseis mil homens, que commandava D. Carlos de Bourbon, derrotaram os sessenta mil capitaneados por Serrano.

Esta victoria devia abrir, mais dia menos dia, as portas de Madrid áquelle que em França usa o titulo de Duque de Madrid, como seu avô usava o de Duque de Anjou.

Como passeia pois por estes jardins, aquelle que devia passear nos do Escorial?

Esse roble o saberá tambem, pois á sua sombra se fizeram grandes planos, á sua sombra se urdiram as maquinações e as intrigas da revolução; esse roble viu muitas vezes um homem que chamam o duque Decases, e outros dignos d'elle... Mas não digo mais porque me enoja.

Disse que á sombra, cada vez mais opaca, da nossa velha arvore se descobria hontem um raio de luz, precursor do dia.

E disse bem porque hoje Carlos VII com suas glorias guerreiras, suas alianças politicas, sua juventude e sua decisão, é o unico que levantando a Hespanha, pode plantar de novo a Cruz na Italia, a flor de luz em França, devolvendo a Portugal sua grandeza com as suas legitimas instituições; dar, em uma palavra, dias de verdadeira felicidade aos povos da nossa raça.

Agora esquecendo a vida do velho roble, que provavelmente nunca será escripta, limitar-me-hei a dizervos que tanto os francezes, como a colonia hespanhola, andamos muito contentes.

Não vos direi as razões que para isso temos, por não ser conveniente se publiquem já.

Um persunagem legitimista, uma das glorias da litteratura franceza, fallava-me ha tres dias com admiração do systema exemplar que D. Carlos estabeleceu, por iniciativa propria, para os seus trabalhos.

Comprehendendo que a vaidade e a ambição da empregomania é o que arruina e desorganisa os partidos e as nações, faz trabalhar todos, como nunca, e a ninguém confere titulos ostentosos, nem cathogorias como empregados.

Estas cathogorias só trazem rivalidades, ciumes apaixonados, murmurações, apparencias e pouco trabalho de utilidade real.

D. Carlos não tem nem favoritos, nem empregados de passa tempo; conhece que o que importa é trabalhar, e não fazer nomeações que só satisfazem desejos pessoais de figurar, geralmente fallando.

A um eminente homem de estado que, louvando estes systema, lhe fez acerca

—Tenho sessenta annos... já não sou o mesmo: antigamente atacava cara a cara, e vencedor ou vencido, tudo estava acabado, acabada a lucta. Hoje não: estou velho... minhas juntas se acham enferrujadas... luctei com um mancebo, e elle ganhou a partida; mas agora tambem o caso é outro... não esqueço como d'antes. O forte pôde bater-se braço a braço, o fraco espera atraz de uma esquina!

—João! O irmão de Rodrigues soltou uma gargalhada nervosa e horrivel; uma d'essas gargalhadas filhas do furor e do desespero.

—João! queres ser um vil assassino no fim de teus dias?

—Não! bradou o outro, não!... pois é só atraz das esquinas e com a faca, com a arma da traição que se vingam os fracos?... outra vez não! eu quero estar livre... quero passear á minha vontade pelas ruas!... oh! quem sabe se eu não terei de cumprimentar um galé?... —João!...

—Sim! já o disse: vel-o-hei com prazer arrastando as cadeias dos criminosos publicos!... não pertence elle de direito ao seu numero?... sim; pertence!... commetteu um crime vergonhoso.

—Graças a Deus, João; o fogo consumiu as provas d'essa loucura.

—Graças a Deus, Rodrigues, as provas existem ainda, e eu hei de apoderar-me d'ellas.

(Continúa)

—Que veio fazer aqui? perguntou o moço.

— Vim realisar o que desde muito meditava, respondeu triamente o velho.

—Que tirou d'aquelle carteira?

—O que lhe não pertencia.

—Uma carta!

—Sim.

—Restitua-m'a.

—Não.

—Oh! snr. João!...

—Não, já disse.

—E' porque não sabe que essa carta é tudo para mim.

—E' por essa mesma razão.

—Por bem, ou por mal, senhor, eu hei de reconquistar essa carta.

—Veremos.

—O snr. abusa do respeito que sempre lhe consagrei.

—E o snr. deshonra o nome de seu pae.

—A carta!

—Nunca.

Salustiano atirou-se sobre o velho; os braços de ambos se entrelaçaram; luctaram ambos.

Longa foi a lucta, e por fim triunfou o mancebo.

Com um joelho sobre o peito de João, Salustiano bradou-lhe:

—A carta!

—Nunca! respondeu o velho com voz suffocada.

O moço apesar de todos os esforços de

João, lançou a mão no bolso do vestido d'este, e apoderou-se da carta.

Deixou então livre o seu adversario, e erguendo-se estendeu o braço, e mostrou-lhe com o dedo trémulo a porta:

—Para sempre fóra de minha casa! disse em desordem, e a raiva no coração.

O velho respondeu:

—Sim! mas não para sempre; porque hei de voltar para vingar-me.

E saiu.

XVI

Os dois irmãos.

Rodrigues estava no seu posto, no alpendre.

Achava-se sentado e meditando em um canto d'elle: á sua mão esquerda via-se meio cerrada a porta de seu quarto.

De repente entrou no alpendre, apresado e arquejando de fadiga um homem, que trazia os vestidos em desordem, e pintada no semblante a mais viva agitação.

O velho Rodrigues ergueu-se surpreendido, e dando dois passos para o recém-chegado, exclamou:

—João!

A persunagem que acabava de entrar atirou com o chapéo a um canto, e sentou-se na cadeira, da qual se tinha levantado Rodrigues.

Esses dois homens eram os mesmos, que em certa noite Jacob vira sentados e conversando á portaria do convento da Ajuda.

delle algumas perguntas, respondeu o Duque de Madrid:

«Isto é um ensaio do que hei-de fazer em Hespanha; terei homens occupados, mas hei-de supprimir os empregados: estes, como se entende a sua existencia em Hespanha, são o luxo que aloja o paiz, são um dos cancores da situação económica e uma das causas efficientes da immoralidade official.

Tambem tem posto cobro á desunião, proveniente da ambição e do desejo de deprimir aquelle que se julga que faz sombra: é este um defeito da nossa raça celtibera, dizia D. Modesto Lafuente; porém defeito que muitas vezes esterilisa as empresas e produz incalculaveis males.

O joven e energico Duque de Madrid curou o mal pela raiz, dizendo o seguinte em umas instrucções reservadas que deu ás numerosas pessoas que o servem: «O que se entretinha contra seus companheiros, além de faltar ao decoro proprio, mostra uma ambição desregrada, e que não tendo merito pessoal é um auxiliar do inimigo».

Com homens d'este talhe, e do caracter de Carlos VII ninguem hesita em metter hombros ás mais difficéis empresas nem ha difficuldade em estirpar os males mais inveterados e obstinados.

J. E.

GAZETILHA

Rapto, e casamento clandestino.—Em a noite de 7 para 8 do corrente, o sr. Joaquim da Costa Carvalho, artista pintor, raptou da casa paterna a Josephina Marques, menor de 16 annos de idade, filha do sr. Narciso José Marques, proprietario da rua de S. Marcos, d'esta cidade.

Na occasião em que o rev.^o parochio de S. João do Souto estava, no domingo 8, celebrando a missa conventual, apresentaram-se alli o raptor e a raptada e ambos publicamente pronunciaram as palavras de mutuo consentimento para se receberem em matrimonio. Fiada a missa, foram á sacristia fazer a mesma declaração ao rev.^o abbade, o qual publicamente disse que não lhes podia admitir tal declaração, como illegal, e que um e outro tinham incorrido nas penas e censuras, não só da Igreja como da lei civil.

Informam-nos que o raptor e a raptada se ausentaram incontinentemente, n'um carro que os estava esperando.

Sentimos ter de registrar a repetição de tal abuso e crime. Deram-se o anno passado dois factos quasi identicos, um dos quaes não teve andamento no processo, por assim o proprio pae da raptada o haver pedido á auctoridade, e ao sr. arcebispo a especial graça da concessão da licença para poderem receberem-se á face da Igreja, o que se effectuou com assistencia, e licença por escripto do pae. No segundo caso, no qual se não deu o rapto, foram aos dois individuos applicadas as censuras da Igreja; censuras que foram levantadas depois de longa separação dos dois presunidos contrahentes e de terem estes satisfeito a penitencia que lhes fôra imposta: — recebendo-se então legalmente, obtida a licença paterna do nubente, que era menor.

Sentimos que o sr. Carvalho se expozesse, por mal aconselhado, ás censuras ecclesiasticas, e ás penas civis, com o irreflectidissimo passo que deu.

Publicações.—Recebemos um exemplar das seguintes publicações:

—«A Lei de Deus—Collecção de lendas baseadas nos preceitos do Decalogo, por D. Maria do Pilar Sinués de Marco.—Tradução livre».

—«Manual da infancia—A economia politica posta ao alcance das creanças por Otto Hubner.—Tradução de Francisco de Almeida.»

—«Roma e Portugal—Ou exposição succinta dos beneficios que os Portuguezes tem recebido dos Romanos Pontifices desde a fundação da monarchia até hoje.—Reconhecimento a S. Santidade Pio IX—Offerecimento de subsidios em presença das circunstancias, a que se vê reduzido—Pelo padre José de Sousa Amado.»

—«Uma preleção d'hermeneutica sagrada sobre o Compendio do sr. Fr. J. de Santa Clara acerca da Inspiração,—por José Prudencio Telles de Bettencourt, thesoureiro-mór da Sé Cathedral d'Angra do Heroismo, professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario Diocesano.»

—«Historia imparcial dos Jesuitas, por Honoré de Balzac—Defesa dos actos e doutrinas da Companhia de Jesus—Versão de F. C. G.»

Agradecemos o offerecimento d'estas obras, de que opportunamente diremos d'espaco.

Nomeação.—O sr. Miguel Augusto Pereira d'Araújo foi nomeado escrivão de fazenda do conelho de Vianna do Castello.

Negocios ecclesiasticos.—O «Diario do Governo», de 7, publica o seguinte: Aviso de que está aberto concurso para provimento das seguintes egrejas parochiaes:

Alvarães (S. Miguel), conelho de Vianna, diocese de Braga.

Aranhas (Nossa Senhora da Penha), conelho de Pnamacor, diocese da Guarda.

Macinhata do Vouga (S. Christovão), conelho de Agueda, diocese de Aveiro.

Moreiras (Santa Maria), Conelho de Chaves, diocese de Braga.

Olã (S. Simão), conelho de Oliveira do Bairro, diocese de Aveiro.

Padrões Santa Barbara), conelho de Castro Verde, diocese de Beja.

Pardas Santa Catharina), conelho de Villa Viçosa, diocese de Evora.

Queimada (S. Pedro), conelho de Fafe, diocese de Braga.

Ribas (Salvador), conelho de Celorico de Basto, diocese de Braga.

Santa Eulalia (Santa Eulalia), conelho de Elvas, diocese de Elvas.

Ureia de Jalles (Nossa Senhora da Assumpção), conelho de Villa Pouca de Aguiar, diocese de Braga.

Villa Alvi (Nossa Senhora da Visitação), conelho de Cuba, diocese de Beja.

Villela Seça (Nossa Senhora da Assumpção), conelho de Chaves, diocese de Braga.

Fallecimento.—No dia 5 do corrente, por 8 horas da noite, falleceu em Cabanelas o sr. Manoel Fernandes Exposto, pae do sr. Antonio Fernandes Lopes, honrado negociante d'esta cidade, a quem enviamos cumprimentos de peza-mes.

Pedimos aos leitores um P. N. por alma do finado.

Theatro.—No sabbado e no domingo subiu á scena, no teatro de S. Geraldo, a magica intitulada *A romã encantada*, e a comedia *G. F.*

No primeiro dia o desempenho d'aquella correu com bastante irregularidade. A comedia *G. F.* teve uma interpretação agradável pela parte dos actores Dias, e Santos.

No domingo houve enchente completa, e mais regularidade na execução das duas peças.

A musica da magica é singela, mas bonita.

Hospedes illustres.—Estão nesta cidade os notaveis escriptores Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira, aquelle de Lisboa e este d'Evora, que vinham assistir á conferencia da Catania.

Para o mesmo fim veio ha dias a esta cidade o sr. Annibal Pipa Fernandes Thomaz, da Louzã, cavalheiro ilustradissimo, e escriptor esmerado.

Transferencia.—Em razão do mau tempo, a romaria que devia ter logar ante-hontem no monte de S. Gregorio, ficou transferida para o primeiro domingo de sol.

Governador civil.—Dizem os jornaes de Lisboa que já está definitivamente assignado o decreto nomeando governador civil de Braga o sr. marquez de Vallada, e que s. exc.^a tenciona chegar a esta cidade depois do dia 20 do corrente.

Banco Commercial de Braga.—Annuncia hoje este Banco que paga a todos os seus depositantes o dinheiro á vista tanto na sede como na sua Caixa Filial no Porto.

São muito para louvar os esforços feitos pela Direcção d'este Banco para o elevar novamente á altura a que tem direito, e vemos que esses esforços tem sido coroados de bom exito, pois quem analisar o balanço da epoca da suspensão de pagamentos, é facil ver que desde então para cá, em curto espaco de tempo, e n'esse deveremos attender aos mezes em que teve paralizadas as suas transacções, que o Banco pagou as suas notas em circulação que eram em avultada somma, os saques do Brazil, e o seu debito ás agencias no estrangeiro, o que prova extrema dedicacão das pessoas que estão á frente d'aquelle estabelecimento.

Vemos que nos não enganamos quando ha pouco dissemos que eram boas as condições em que se achava o Banco

Commercial de Braga, que entra em uma nova epoca, merecendo novos creditos, sendo prova d'esta verdade os saques que as suas agencias no Brazil ultimamente tem feito já em sommas bastante avultadas, os quaes tem sido pagos pontualmente á sua apresentacão.

Exames.—Dizem os jornaes de Lisboa que por decreto datado de 28 de março, publicado no «Diario do Governo» de 8 do corrente foi determinado que os exames finais das disciplinas professadas nos lyceus nacionaes do continente do reino sejam feitos na sede das tres circumscripções de Lisboa, Coimbra e Porto, perante jurys que opportunamente forem nomeados pelo governo de entre os professores officiaes e durante os mezes de julho e agosto, e segundo as prescripções que no mesmo decreto se marcam.

Transcrevendo o respectivo decreto, diz o «Jornal do Commercio»:

«Economista o thesouro alguns tostões, acabando com as famosas ambulancias, mas vão ser sobrecarregados os chefes de familia com um dispendio enorme, porque os governos não sabem ou não podem cumprir com o seu dever, e a direcção geral da instrucção publica continúa no seu proposito de atropellar a lei em tudo e por tudo.

Viva o dinheiro! Quem for pobre, e não morar em Lisboa, Porto ou Coimbra, não pôde fazer exame d'instrucção secundaria!

E por que não foi ouvida a junta consultiva d'instrucção publica? Foi ella substituida pela commissão, que aliás declarou que não tinha tempo de apresentar projecto definitivo sobre a reforma da instrucção secundaria?

Foi o assumpto largamente discutido na commissão de fazenda por occasião de se formular o parecer sobre o orçamento de despeza, mas o governo actual entendeu que devia saltar por sobre as indicações da commissão, e commetter uma d'essas arbitrariedades, invocando falsamente o decreto cabralino de 20 de setembro de 1844».

BANCO COMMERCIAL DE BRAGA.

Resumo do balanço do Banco Commercial de Braga em 31 de março de 1877.

Activo	
Acções, prestações a receber	2.232\$500
Dinheiro em caixa	58.333\$283
Letras em carteira	292.459\$448
Emprestimo sobre penhores	102.935\$785
Contas correntes com garantia	1.122.159\$845
Agentes no paiz	128.596\$998
Ditos no estrangeiro	38.062\$595
Papeis de credito	331.172\$280
Diversos devedores	271.490\$767
Movéis e utensilios	1.722\$625
	2.349.186\$126

Passivo	
Capital	1.000.000\$000
Obrigações	1.013.073\$118
Depositantes	48.401\$720
Agentes no estrangeiro	141\$969
Diversos credores	98.689\$950
Letras em deposito	24.840\$285
Letras a pagar	80.090\$614
Notas em circulação	465\$000
Fundo de reserva	50.000\$000
Dito para prejuizos eventuaes	3.000\$000
Dividendos a pagar	1.325\$980
Lucros suspensos	14.200\$000
Ganhos e perdas	14.957\$490
	2.349.186\$126

Braga 4 de abril de 1877.

Os Directores

Luiz Antonio da Costa Braga,
João Evangelista de S. Torres e Almeida.

BANCO DO MINHO

Resumo do Activo e Passivo em 31 de Março de 1877.

Activo	
Caixa: existencia em metal	183.556\$466
Agencias no paiz: Saldo devedor em metal	110.305\$257
Arca dos Orfãos	26.969\$706
Papeis de credito	65.241\$433
Acções de c. propria	64.800\$000
Hypotheas de raiz	119.434\$541

Emprestimo sobre penhores	5.192\$500
Emprestimos a Camaras Municipaes e á Junta Geral do districto	81.104\$711
Letras descontadas	371.529\$173
Letras a receber	2.112\$133
Letras em liquidacão	72.050\$151
Letras falsas	1.850\$000
Contas em liquidacão	71.527\$892
Saques e remessas de n. c.	157.374\$143
Saques e remessas das agencias	27.453\$353
Agencias no estrangeiro	78.476\$957
Contas correntes garantidas	632.500\$640
Outras contas correntes	28.147\$454
Generos recebidos por c. de penhores	14.641\$015
Edificio do Banco	28.732\$233
	2.142.998\$878

Passivo

Capital	600.000\$000
Fundo de reserva	155.000\$000
Reserva para decima	4.099\$717
Notas em circulação	690\$000
Depositantes á ordem	17.625\$995
Ditos em conta corrente	109.272\$320
Depositos a praso	950.686\$778
Dividendos a pagar	1.508\$160
Credores diversos	96.714\$367
Agencias no estrangeiro	10.591\$219
Agencias no paiz	17.687\$002
Saques e remessas de n. c.	24.793\$600
Saques e remessas das agencias	74.665\$916
Colre dos Orfãos	26.969\$706
Deposito publico	28.662\$666
Letras a pagar	2.000\$000
Lucros suspensos	6.056\$126
Ganhos e perdas	15.975\$069
	2.142.998\$878

Braga, Banco do Minho 6 de Abril de 1877.

Os GERENTES.

Francisco casimiro da Cruz Teixeira,
Manoel Luiz Ferreira Braga.

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Resumo do activo e passivo d'este Banco em 31 de março de 1877.

Activo	
Caixa	18.998\$021
Letras descontadas, tomadas e a receber	194.038\$732
Emprestimos sob penhores	193.791\$210
Creditos caucionados em c/c	100.043\$360
Operações a longo prazo, com hypothea	17.681\$125
Agencias no Reino e Ilhas	36.380\$439
Agencias no estrangeiro	2.740\$675
Devedores diversos	6.715\$965
Acções de conta propria	95.750\$000
Valores fluctuantes	59.362\$090
Effeitos depositados	27.600\$000
Despezas d'installação	4.400\$000
Movéis e utensilios	1.534\$640
Gastos geraes e commissões	1.887\$115
Liquidacões	1.346\$930
	762.273\$302

Passivo	
Capital	600.000\$000
Fundo de reserva	2.509\$127
Imposto sobre dividendo	2.327\$165
Depositos a praso	100.726\$496
» á ordem	13.879\$510
Letras em deposito	236\$082
Credores d'effeitos depositados	27.600\$000
Credores diversos	4.597\$554
Agencias no reino	273\$028
Dividendos por pagar	4.012\$750
Lucros e perdas	6.111\$590
	762.273\$302

Braga 6 de Abril de 1877.

Os Directores,

José Joaquim Lopes Cardozo,
João da Costa Palmeira.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial, Agricola e Industrial de Villa Real, em 31 de março de 1877.

Activo	
Caixa, dinheiro existente	18.788\$369
Letras descontadas e a receber	669.174\$554

Letras caucionadas	38:792\$000
Obrigações a receber	5:024\$395
Empréstimos sobre penhores	2:267\$500
Operações a longo prazo	13:740\$720
Papeis de credito	14:829\$120
Contas correntes com garantia	7:611\$369
Agentes no paiz, dinheiro e letras a cobrar	64:272\$261
Agentes no estrangeiro	14:822\$257
Diversos devedores e credores	8:064\$626
Movéis e utensilios	575\$600
Despezas de installação	2:000\$000
Acções, prestações a receber	100\$000
	860:062\$971

Passivo

Capital do Banco	800:000\$000
Deposito á ordem	7:616\$703
Deposito a prazo	21:214\$730
Dividendos a pagar	2:441\$550
Fundo de reserva	7:020\$000
Reserva para contribuição industrial	5:400\$000
Ganhos e perdas	16:369\$988
	860:062\$971

Villa Real, 3 de abril de 1877.

Os gerentes,

Francisco Ferreira da Costa Agarez.
Joaquim José d'Oliveira Guimarães.

AGRADECIMENTOS

O Delegado do Procurador Regio, Rodrigo Lobo d'Avila, não lhe sendo possível ir pessoalmente e de prompto agradecer a todas as pessoas d'esta cidade, que lhe fizeram a honra de o procurar pouco depois da sua chegada a esta Comarca, e não querendo passar por menos grato e delicado, vem por este meio, e desde já, protestar a todos o seu reconhecimento e offerecer a sua modesta casa e limitado prestimo. (194)

José Maria dos Santos Araujo Esmeriz, e seus filhos, agradecem a todos os exm.^{os} snrs. e senhoras, que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de seu presado sobrinho e primo Simão de Araujo Esmeriz, e a todos protestam o seu eterno reconhecimento. (196)

José da Silva Merelim, sua mulher e mais familia, serve-se d'este meio para agradecerem a todas as pessoas de sua amizade e relações, tanto ecclesiasticos como seculares, que lhe prestaram seus serviços e os obsequiaram por occasião do passamento de seu muito presado pae, e sogro, e agradecem muito especialmente ao revd.^o Parocho da freguezia de S. Paio de Merelim e mais pessoas que se dignaram assistir aos officios funebres, que por sua alma tiveram logar na dita freguezia no dia 7 do corrente; a todos protestam sua gratidão. (197)

Não podendo os abaixo assignados agradecer pessoalmente, como desejavam, a todas as exc.^{mas} snr.^{as} e ill.^{mas} e exc.^{mos} snrs., que tiveram a bondade de os cumprimentar e assistir aos officios e acompanhamento de sua extremosa e nunca assás chorada mãe, o fazem por este meio, protestando a todos seu eterno reconhecimento e indelevel gratidão.

Igualmente agradecem, extremamente penhorados, a todos os reverendissimos senhores que se dignaram sufragar-lhe sua alma dizendo missa ou assistindo ao officio; desejando anciosos a occasião de poderem mostrar por obras seu reconhecimento e gratidão.

Braga 3 de abril de 1877.

Maria da Expectação Moreira
Domingos Moreira Guimarães. (191)

O visconde da Torre, D. Rodrigo de Sá Coutinho, e seus filhos, D. Fernando d'Azevedo Sá Coutinho, D. Luiz de Azevedo Sá Coutinho e sua esposa D. Francisca Barbara de Sousa Machado, não lhes sendo possível, como eram os seus desejos e dever, agradecer pessoalmente a todas as pessoas da sua amizade e relações tanto seculares como reverendos ecclesiasticos, que por occasião do fallecimento de sua muito prezada e nunca assás chorada esposa, irmã, tia e cunhada a viscondessa da Torre se dignaram di-

rigir-lhes cumprimentos de pezames, assistir aos officios funebres que no dia 10 do passado mez de fevereiro se fizeram na capella de S. Vicente, e acompanhar o cadaver ao cemiterio; fazem-n'o por este modo pedindo milhares de desculpas de o não fazer por outro e a todas as referidas pessoas protestam o seu mui vivo e indelevel reconhecimento por tão distinctos e particulares obsequios.

Henrique Freire d'Andrade Coutinho Bandeira e seus filhos, julgam ter agradecido a todos os illm.^{os} e exm.^{os} snrs. que lhes fizeram a honra de tão significativos obsequios por occasião do fallecimento de sua cunhada e tia, a exm.^a snr.^a D. Maria Isabel Pereira Lago e Noronha; mas receando que alguns bilhetes e relações se extraviassem, justificam d'este modo a sua involuntaria falta, da qual pedem desculpa, protestando a todos a sua cordeal e eterna gratidão. (184)

ANNUNCIOS

Ignorancia da Religião

Publicação interessante

4 folheto. 40 rs.

Vende-se na livraria Chardron, em Braga. (195)

BANCO COMMERCIAL DE BRAGA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Este Banco faz as seguintes operações:
Sacca sobre diversas praças do reino e estrangeiro aonde o Banco tenha agencias.

Faz transferencia de fundos.
Compra letras de cambio.

Banco Commercial de Braga

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

A Direcção d'este Banco annuncia que está habilitada a pagar todos os seus depositos á ordem, tanto na sede como na respectiva Caixa Filial do Porto.

Os depositos que não forem levantados, vencerão 2 0/0 de juro ao anno.

PREVENÇÃO

Previne-se a toda e qualquer pessoa a fim de que não faça contracto de especie alguma com D. Maria Carolina da Silva, viuva, da rua Nova de Sousa, d'esta cidade, pois já se acha intimada por ordem d'este juizo, assim como de seu genro João José Lopes da Costa, sob pena de nulidade, porque, findas as presentes ferias se vae tentar a competente acção de prodigalidade, por incapacidade de se administrar.

Braga 6 de abril de 1877.

Maria da Conceição Gonçalves
Domingos José Alves (193)

Companhia Edificadora e Industrial Bracarense.

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital 500:000\$000
1.^a emissão 100:000\$000

São convidados os senhores accionistas a entrar com a 12.^a e 13.^a prestações ou 10 0/0 de suas acções, de 5 a 10 do proximo mez de Abril, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, no escriptorio da companhia, rua da Cruz da Pedra n.º 6 a 12.

Braga 24 de Março de 1877.

Os directores,

Francisco da Silva Araujo.
José Alves de Moura.
João Carlos Pereira Lobato. (181)

ARTE DE TACHYGRAPHIA

Vende-se em Braga, rua Nova, n.º 3, e no Porto: preço 300 rs.

ALCATRÃO BARBERON

Unico que contém todos os principios balsamicos e aromaticos de Alcatrão de Noruega. Nos fortes calores e nas mudanças de estação, impede que a agua se corrompa: é uma bebida hygienica e preservadora de molestias epidemicas. — Dose: uma colherzinha n'um copo d'agua accrescentada a bebida ordinaria. — Preço 400 reis.

ALCATRÃO RECONSTITUINTE BARBERON. Com chlorhydrophosphato de cal. Consumpção, molestias do peito, tísica, anemia, dyspepsia, rachitismo, molestias dos ossos, das mulheres e das crianças. — Preço: 500 reis.

ELIXIR FERRUGINOSO BARBERON. Com chlorhydrophosphato de ferro. — Reconstitue o sangue sem causar o estomago. Muito agradável, digestivo e tonico. — Preço: 800 r.

FOGO BARBERON PARA OS CAVALLOS. Substitue o ferro candente sem destruir o pelo. Exitto infallivel e facil applicação. — Preço: 950 reis.

Depositos: BARBERON & C^o, em Châtillon-sur-Loire (Loiret), França. Em Lisboa, o S^o Barreto, rua do Lorêto, n.º 28—30. (23 **)

ELIXIR DE SARRAZIN-MICHEL

de SARRAZIN-MICHEL, de AIX en provence (Francia).

Cura segura e prompta dos rheumatismos agudos e chronicos, como egualmente da gota, lombago, sciatica, etc. — Preço: reis. — Geralmente basta um frasco.

Depositos: em Pariz, casas dos S^o DORVAULT et C^o, e PHILIPPE LEFEBVRE e C^o; em Lisboa, S^o BARRETO, rua do Lorêto, 28 e 30. (24 *)

Arrematação voluntaria dos bens immobiliarios do fallecido visconde de S. Lazaro.

Pelo juizo de direito d'esta comarca, e cartorio do 3.^o officio, de que é escrivão Motta, no dia 15 do proximo futuro mez d'abril, pelas 9 horas da manhã, á porta do tribunal judicial sito no largo de Santo Agostinho, se tem d'arrematar, e entregar a quem mais der—quando convenha—os bens seguintes:

A casa nobre, com seus respectivos jardins, e quintal junto, todo circunhado por muro, de natureza alludial, no valor de 25:000\$000 rs.

A propriedade rustica contigua aos ditos jardins, comprehendendo a cocheira, casa de cazeiros, eira, coberto, aguas e mais pertencas, que se compõe de varios prazos foreiros ao revm.^o cabido da Sé Primaz, aos herdeiros d'Estevão Falcão Couta de Menezes, á real irmandade de Santa Cruz, Hospital de S. João Marcos, á Mitra Primaz, e á coraria da Sé, confronta do nascente com a rua de S. Lazaro e quintaes das casas da rua da Ponte, e com terra de D. Adelaide Rêio de Paiva; do sul com a mesma; do poente com o caminho chamado do Foajal; e do norte com o quintal da dita casa nobre, no valor de 12:000\$000 rs.

Uma morada de casas em principio de construcção, defronte da referida casa nobre com toda a pedraria aparelhada e por aparelhar, que se acha depositada no campo dos Remedios, no valor de 3:000\$000 reis—e finalmente uma outra morada de casas com seu cido, denominada da Calçada, no logar do Sobreiro, freguezia de Santa Eulalia de Tendões, no valor de reis 400\$000; porisso toda a pessoa que quizer lançar pôde comparecer no dia e hora indicado

Braga 5 de março de 1877.

Pela commissão administradora e liquidataria,

O solicitador—João Ferreira Torres (147)

FLUIDE IATIF DE JONES

Por suas propriedades beneficas, goza este producto de alta e merecida reputação. Suaviza e amacia a pelle, allivia as irritações causadas pelas mudanças de clima, pelos banhos do mar, impressões desagradaveis do vento ou do calor, etc, etc.

Uma simples applicação faz desaparecer as rachaduras das mãos e dos beiços. Preço 650 reis.

PARA OS CUIDADOS DO TOUCADOR

É muito digno de ser recommendado o Sabão Iatif, que possui todas as propriedades suavizantes do Fluide, e um aroma deliciaissimo. Preço 600 r.

23, Boulevard des Capucines, Paris, De frente da entrada do Grand-Hotel.

Fabricante de Escovas Inglesas Perfumeria, Loja de papel, Objectos de Fantasia, Estojos diversos, Cutelaria, Artigos de Luxo, Luvas, etc.

Deposito em Lisboa, sur. Barreto, Lorêto n.º 28—30 (26 *)

CASA PARA ARRENDAR

Alluga-se até ao proximo S. Miguel uma morada de casas, sita na rua do Anjo n.º 24. Trata-se na livraria, em frente da mesma casa, e no escriptorio d'esta redacção.

VENDA DE CASA

Vende-se as casas, sitas no Largo de S. Lazaro n.º 13. Trata-se com João Evangelista de Sousa Torres e Almeida.

MALA REAL INGLEZA

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Aceitando tambem passageiros de 3.^a classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

Este paquete da Companhia Mala Real Inglesa sahirá de Lisboa em 15 de Abril.

Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme C. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondentes, via de mar, e de terra, e de villa.

A BELLA PINGA

No armazem de vinhos da Rua de Santo André n.º 20, encontra-se um variado sortimento, das principaes qualidades de vinho de Monsão, Arcos de Val-de-Vez, Basto e do concelho de Braga.

Vende-se por pipas e barris. Quem pretender dirija-se a Cerqueira da Silva Gonçalves, largo da Lapa n.º 1 ou Francisco Manoel Xavier, rua dos Chãos n.º 25. (148)

COLLEGIO INGLEZ

DO Sagrado Coração de Maria Virgem Immaculada

D. Margarida Heunessy, desejando nuir aos pedidos que as familias e clero mais dedicados á causa de uma verdadeira e completa educação, tanto de Braga como das localidades adjacentes, ha cinco annos se tem dignado fazer-lhe, resolveu abrir uma casa de educação para meninas internas, semi-internas e externas sob a direcção de sua irmã Miss. Teresa Heunessy, tendo obtido para levantar o seu estabelecimento, a bella casa da rua de S. Miguel-o-Anjo, onde morou o exm.^o snr. Juiz de Direito, o qual já funciona desde o dia 2 de Fevereiro.

Para esclarecimentos podem dirigir-se a Braga a snr.^a D. Maria Brigida Bessa Perry, Campo da Feira, ao Rev.^o João Bello Cardozo de Menezes, ao Rev.^o João Pedro Ferreira Airoza, e a José Maria Dias Costa, Rua Nova. (17)

VENDA DE CASAS

Vende-se 4 moradas de casas com quintal e agua, sitas na rua de D. Pedro V, sendo as n.ºs 76, 77, 85 e 86. Tracta-se no largo de Penedos, n.º 1. (65)